

Helena de Castro

### A facilidade não existe em nossos dicionários

Uma vez ouvi dizer que era fácil ser mulher. A pessoa que me disse isso? Um homem. Se isso fosse hoje em dia, sem dúvida, teria lhe perguntado o que fazia com que ele acreditasse nisso. Na época, deixei de lado. O que ele considerava fácil? Provavelmente ele desconsiderava nossos medos diários, as cobranças, o olhar de julgamento sobre nosso comportamento, as imposições acerca de nossos corpos. Muitos acham que nossa persuasão, força, persistência e coragem torna nossas vidas mais simples. Contudo, mal sabem eles, que estas características advêm dos empecilhos que encontramos diariamente. Persuasão para que sejamos ouvidas e respeitadas, força para lutarmos contra quem tentar nos tirar a vida, persistência para não desistir de alcançar nossas metas e coragem para que o medo não nos paralise.

Que fique claro que não odiamos homens, nem flores. Amamos buquês e gostaríamos de viver em harmonia com o sexo masculino. Mas é difícil. Já se foram muitas que nos provaram que o inimigo, muitas vezes, dorme ao nosso lado, nos leva para jantar, nos leva rosas, mas depois nos mata. Alguns nos matam e choram em nossos velórios, afinal se arrepender é normal, não é mesmo? E também, algumas de nós merecem. Somos irritantes e homens perdem a paciência com facilidade.

Fernando Pessoa dizia que não conhecia quem tivesse tomado porrada, mas infelizmente todas nós conhecemos alguma que já tomou porrada. E não apenas pelo noticiário, muitas são nossas familiares, amigas, colegas de faculdade, vizinhas. Independente de nossa classe social, escolaridade, cor, peso, altura, todas estamos sujeitas a levar pancadas das mais variadas formas; algumas ferem nossa alma, outros também deixam lesões em nossos corpos. Nossos algozes estão por toda parte. Eles são nossos colegas de faculdade, que tem acesso à saúde, educação de qualidade, cultura. Mas também podem ser periféricos, marginalizados, oprimidos por essa sociedade inescrupulosa. Não existe perfil, existe a permanente ideia de nossa inferioridade e ela percorre o mundo.

Em março se recordam de nós, em outubro se preocupam com nossa saúde, mas durante o ano inteiro nos julgam, nos abusam e nos limitam. No mercado de trabalho, questionam sobre maternidade, ao invés de analisar a experiência. Nas maternidades, violam as escolhas individuais e induzem partos ao invés de humanizá-los. Nas escolas, nos ensinam sobre autonomia, mas ignoram nossas reclamações. Em cargos públicos, nos cobram demonstrar rigidez, mas quando se faz isso, acusam-nos de histeria. Nos filmes e novelas nos retratam como objetos de desejo ou como inimigas de outras mulheres. A visão sobre o feminino sempre provém do olhar masculino, como se não fôssemos autossuficientes para nos definir. Dessa forma, nos calam, seja pela indiferença ou pela acusações, nossos argumentos sempre são invalidados.

Talvez, alguns séculos atrás, estaríamos em fogueiras, mas hoje estamos onde quisermos. Temos em nossos lattes muitas titulações, somos competentes nas mais diversas áreas, dirigimos com destreza, da mesma forma que podemos ser engenhosas em tarefas domésticas. Tornamo-nos o que desejamos. Entretanto ainda com medo das condenações que possam surgir, pois as atribuições fazem parte da nossa vida, enquanto que a facilidade não tem sentido para nós, quase não é usada em nosso vocabulário. A única facilidade que temos é em não sermos fraquejadas. .